

RECENSÃO

PROUS, André. O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. **Dossiê Surgimento do Homem na América. Revista USP**, São Paulo, mai-out, 1997, p.8-21.

NÍEDE GUIDON*

Um artigo de André Prous, recentemente publicado pela Revista da USP, peca pela inépcia, além da falta de rigor científico.

Uma boa parte das críticas às nossas descobertas, emitidas pelo autor, no seu artigo, provêm das deficiências da sua formação acadêmica. Esta seria, talvez, uma desculpa a considerar, mas uma recensão exige, naturalmente, que se apresente as principais características do artigo. São elas:

1) Erros na descrição dos trabalhos de Ameghino quando fala de fósseis de primatas.

2) Não são unicamente “*os macacos brasileiros de Goiás*” que utilizam pedras para quebrar sementes e coquinhos. No Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, encontramos sob algumas árvores, pedras utilizadas pelos guaribas para quebrarem o envólucro duro das sementes, permitindo isso que comam as nozes; esse fato não acontece em abrigos e, muito menos, perto de restos de fogueiras. Resulta, assim, supérfluo e inútil dizer-se que pedras podem se lascas ao cair em uma queda d’água ou quando atiradas por macacos do alto. Quem vai escavar sob uma queda d’água? Quem vai coletar pedras esparsas no sopé dos morros?

Os pré-historiadores, inclusive os americanos, aceitam os seixos lascados da África como sendo obra humana, mesmo que sejam encontrados isoladamente na superfície, sem outros elementos contextuais. Mesmo se sabendo que na África também existem macacos que usam pedras como instrumentos, ninguém nunca propôs que a *Pebble Culture* não era obra humana. Será que o Sr. Prous pensa que na África os homens são inteligentes e os macacos burros e no Brasil se deu o inverso? Seixos lascados da Pedra Furada, dentro de uma coleção africana, poderiam ser classificados como obra humana.

3) A frase “*os carvões virtualmente indestrutíveis*”(sic), revela supina ignorância do autor, pois eles são destrutíveis sim, aliás como toda matéria orgânica.

No Parque Nacional Serra da Capivara, estamos monitorando a fauna e a flora

há cerca de dez anos. Houve incêndios, ateados por caçadores, e temos observado como evoluem os traços deixados pelo fogo e pelo carvão. Por mais ignorante que seja um arqueólogo, será sempre capaz de identificar quando os restos de carvão encontrados pertencem a um galho ou tronco, que se queimou naturalmente, ou são resultantes de incêndios florestais, porque sua disposição é completamente diferente dos restos procedentes de uma fogueira intencional.

4) O primeiro parágrafo do *“Razões psicológicas”*, mostra apenas o nível da formação “científica” do autor. Ao dizer que *“quase ninguém se atrevia a procurar seu rastro (o do homem) em sedimentos geológicos anteriores a 10.000 ou 11.000 anos”* demonstra o engano de quem adota uma simples teoria como lei, sem nenhum embasamento factual. O autor diz também que *“essa barreira psicológica está hoje parcialmente rompida”*. Não achamos que se trate de barreira psicológica. É falta de formação científica.

5) Quando o autor do artigo diz que *“No Brasil, particularmente, onde cada arqueólogo costuma ser “dono” de um território de pesquisa e onde não existe uma tradição de debate aberto.”* há uma crítica imerecida às nossas universidades que tão bem têm recebido tantos estrangeiros, inclusive ao Sr. Prous. Nossa legislação obriga solicitar-se autorização para as pesquisas arqueológicas, delimitando-se um determinado território, o que é absolutamente legítimo. Por acaso o Sr. Prous admitiria que, amanhã, eu escavasse um sítio onde ele estava trabalhando? Por acaso na França todos os arqueólogos podem trabalhar onde querem?

O correto é que quando alguém pretende escrever uma crítica sobre determinado assunto do povoamento da América, deve antes visitar os sítios dos quais vai tratar, estudar o material lítico, os planos de escavação e os dados dos colegas. Apesar de sua limitada categoria até o Sr. Prous teria sido convidado, se houvesse manifestado a respeito o menor interesse. Não poderá alegar que não se interessa pelos sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara porque, desde anos, critica com obsessão doentia os trabalhos dos profissionais que pesquisam na Fundação do Museu do Homem Americano.

6) Quando afirma que *“os pesquisadores ianques”* têm *“frequente menosprezo”* pelos *“latino-americanos”*, faz injusta generalização e esquece que esse menosprezo se faz extensivo, também, algumas vezes aos pesquisadores franceses. Publicações recentes sobre as origens do homem, tratam dos *Australopithecus* descobertos pelos americanos, mas não mencionam o *Australopithecus* encontrado por colegas franceses no Tchad. Poderiam ser citados outros muitos exemplos. É preciso entender porém que a

maioria dos colegas americanos não lêem outra língua que não seja o inglês, como muitos franceses somente lêem o francês.

Será, por outro lado, que os pesquisadores estrangeiros se interessam pelo que nós, latino-americanos, pensamos deles?

7) O sub-título “*Um imigrante de mais de 20.000 anos?*”, cobre críticas diretas ao nosso trabalho, em meio a reflexões confusas e tendenciosas. Primeiramente, refere-se a uma *marquise*, para designar o teto que recobre o abrigo sub rocha. Deve admitir, em consequência, que tudo o que se joga cai sobre ela e não debaixo, pois a lei da gravidade existe.

Nossa equipe é composta por profissionais capacitados e levamos em consideração todas as supostas possibilidades de origem natural, eliminando-se os casos duvidosos. No abrigo não existiam “*depressões cheias de água*”. As depressões eram bem delimitadas e fora da área que foi utilizada pelo homem. O paleontólogo da equipe confirmou simplesmente o que os arqueólogos e o geomorfólogo já haviam verificado: durante o Pleistoceno chovia muito mais do que hoje. No Pleistoceno a região era coberta por uma vegetação tipo Mata Atlântica e não pela caatinga. Mas, se enormes enxurradas trouxessem mais material e se o mesmo caísse com maior força, não poderia ficar depositado dentro da parte coberta do abrigo, porque Newton não disse que a lei da gravidade somente é válida para os períodos secos. Quanto às pedras ricochetearem a tantos metros de distância parece-nos, evidentemente, que falta a André Prous um mínimo de conhecimento sobre fenômenos naturais. É uma desculpa a seu favor.

Ao longo dos paredões rochosos do Parque Nacional encontramos inúmeras quedas de água e inúmeras cascalheiras. Inexplicavelmente, somente na Pedra Furada, ao lado de arranjos de seixos e blocos, ao lado de fogueiras e de carvões, é que os seixos se lascavam naturalmente ao cair? Minha formação acadêmica impede-me aceitar as suposições absurdas. Tudo o que vi e analisei, leva-me a declarar, com segurança e tranquilidade (com a certeza de que descobertas futuras confirmarão nossos resultados) que foi mesmo o homem que entre, 60.000 e 50.000 anos, começou a freqüentar a Pedra Furada, deixando ali os vestígios de suas ferramentas e fogueiras.

8) O Sr. Prous deveria, obviamente, escrever menos. Dizer que “*o clima do Pleistoceno final era bem mais úmido que o atual: poderia portanto ter sustentado um cerrado - além de matas galerias (sic)*”, é justificar um possível atestado de ignorância. O clima foi mais úmido, mas cobertura a vegetal não é unicamente produto da umidade; ela depende também do substrato geológico e da insolação. A região foi coberta por mata tropical úmida e não por cerrado.

A sucessão não foi cerrado-caatinga como pensou esse sábio colega. Ilhas de floresta persistiram nos vales úmidos e a encosta da Pedra Furada foi coberta por vegetação mais úmida até o momento em que foi desmatada, há cerca de 100 anos atrás.

As afirmações que no seu artigo faz sobre as fogueiras, dizendo que as mesmas não são antrópicas, são totalmente vazias. Nossa equipe testou todas as possibilidades. Se se tratasse de fogos naturais de floresta, teríamos que encontrar o mesmo tipo de estrutura fora da área abrigada, na encosta e no vale. Nas escavações e prospecções realizadas nesses locais, nunca encontramos algo parecido às estruturas de dentro do abrigo, no local onde obviamente não chove;

9) Quando escreve: *“afirmações precipitadas, e nunca verificadas, feitas por alguns membros da equipe, ou, então, as informações contraditórias”*, além da sua total falta de ética, demonstra o seu autor desconhecimento do procedimento científico. Trabalhamos na região há 27 anos e levantamos preliminarmente algumas hipóteses; umas foram confirmadas e outras naturalmente desconsideradas. Como exemplo citarei que considerávamos que na região não existiam as clássicas pontas de projétil, tão típicas da arqueologia americana. Em julho de 1997, depois de anos de trabalho, encontramos em uma sepultura, duas magníficas pontas típicas. Agora vamos publicá-las. Se a pesquisa não servisse para testar hipóteses, se as primeiras asserções fossem as exatas, a pesquisa poderia ser suspensa. Publicamos nossas hipóteses para que os colegas pudessem saber em que rumo estamos trabalhando, para que eles também procurem testá-las.

Os dois segmentos de reta, de cor vermelha, encontrados em um bloco caído e datado de 17.000 anos, não são produtos de depósitos naturais; trata-se mesmo de pigmento aplicado, propositadamente, sobre a rocha. Não podemos afirmar se essas marcas foram uma prática rupestre ou simplesmente resultado do fato de qualquer pessoa limpar dois dedos sobre a parede. Mas, por isso, deixaríamos de mencioná-los? Seria mais ético que Prous citasse as publicações que certificaram a data de 10.000 anos para a plaqueta pintada e a publicação contraditória com a data da camada.

É grave também que, em relação ao livro de Gabriela Martin, *Pré-história do Nordeste do Brasil*, por mim prefaciado, André Prous distorça a realidade do texto, na tentativa de obter subsídios para as suas afirmativas em relação à antiguidade das pinturas rupestres do Sítio do Perna.

10) Falta à verdade André Prous, quando escreve que *“As tentativas sistemáticas de apresentar a Pedra Furada como o lugar onde qualquer tipo*

de vestígio é mais antigo que os de outros lugares manifestam-se também em relação aos esqueletos humanos: numa reunião em Brasília foram apresentadas fotografias de um crânio “de criança” encontrado em contexto muito antigo; verificou-se logo que se tratava de um crânio de macaco.”

Primeiro: nunca encontramos crânio nenhum na Pedra Furada. Segundo: nunca encontramos nenhum crânio de macaco. Terceiro: os crânios de criança que temos encontrado não pertencem a contextos antigos mas sim a períodos mais recentes de culturas de ceramistas agricultores. Quarto: Nunca estive numa reunião em Brasília tratando de enterramentos. Esta afirmação valerá ao autor um processo por difamação e calúnia.

11) É lamentável que o autor do artigo não forneça dados relativos à publicação na qual se cita a existência de pedra polida em Minas Gerais, datada de 9.000 anos.

Queremos esclarecer, por oportuno, que a Fundação Museu do Homem Americano visa a pesquisa e também a formação de recursos humanos. Assim sendo, nossos bolsistas e estagiários assumem responsabilidades, participando das escavações, analisando o material e publicando os resultados. Por estas razões, certos sítios demoram a ser publicados na íntegra pois fazem parte de material utilizado para uma tese ou dissertação. Outros, mesmo prontos, encontram dificuldades para serem publicados em razão do alto custo, como é o caso da monografia sobre a Pedra Furada. Alguns deverão ser traduzidos porque foram redigidos em francês, língua ignorada por muitos arqueólogos norte-americanos, tanto quanto o português.

Finalmente, cabe perguntar de onde vem essa preocupação do Sr. Prous de criticar reiteradamente os resultados das pesquisas arqueológicas no Parque Nacional Serra da Capivara, com palavras cada vez mais contraditórias. Parabenizou, por exemplo, publicamente, ao Dr. Fabio Parenti pela sua Tese de Doutorado sobre a Pedra Furada, defendida em Paris, mas critica o trabalho de Parenti, relativo a esse sítio arqueológico, sempre que consegue ser escutado em alguma reunião.

Esta recensão se faz necessária a bem da verdade. Não se pretendeu levar o autor do mal fadado artigo ao ridículo. Ele foi ao seu encontro com as suas próprias mãos.

*Docteur d'Etat, Paris I Sorbonne Maître de Conférences, Ecole de Hautes Etudes , Sciences Sociales, Paris